



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O RETRATO DE JUCA MANDRIÃO



Devido a uma aprovação,
teve o menino Mané
um prémio de sensação:
um «Kodak» e um tripé.
E o Juca, que é mandrião,
nada teve, já se vê.

Mané para o consolar
vai já tirar-lhe um retrato
mas, não sabendo focar,
tira-o no meio de um mato,
onde, bastante pacato,
estava um burro a pastar.

Quando em quando dava um zurro,
mas o Mané nem ouvia.
Três horas depois, casmurro,
o Juca via e revia
a sua fotografia
mas com orelhas de burro!



A FADA MARAVILHA

Por EURICO RIBEIRO ALMEIDA

Desenhos de A. CASTAÑE

LUIZINHA e a mãe, viviam numa cabana abandonada no meio duma floresta. Pobres, pois a mãe muito velhinha não podia trabalhar e Luizinha era ainda muito nova para ganhar a vida, sustentavam-se com as esmolas duns benfeitores que tinham na cidade próxima.

Todos os dias vinha a pequena à cidade, onde colhia os míseros tostões que as almas caridosas lhe davam, para comprar os alimentos que levava à mãe.

Era assim que viviam aquelas duas vítimas do Destino.

Uma terrível atmosfera de tristeza, reinava no Palácio

Real. O Príncipe Florindo adoecera com um terrível mal que, diziam os sábios doutores da corte, não tinha cura. E o príncipezinho ia pois morrer.

Mas um dia sentiu umas ligeiras melhoras, e resolveu dar um passeio pelo bosque. O Rei, seu pai, acedeu, e, rodeado pelos seus págens, dirigiu-se para a floresta apreciando o seu desejo, quando nisto se desencadeou uma formidável trovada.

Então, os cavalos espantaram-se, começando em louca correria pelo bosque fóra. O Príncipe Florindo, cheio de medo, sentou-se numa árvore a chorar com susto, quando, nisto, viu uma enorme claridade que o rodeava.

Olhou à sua volta e deparou com uma senhora vestida

(Continua na pag. 7)



SACRIFICIO

Por MARIA ALDA
Desenhos de A. CASTANE



OSSO ir deitar-me, avózinha!

— Vai, sim, meu amor, que são horas!...

— E vem contar-me uma daquelas histórias, tão bonitas, de fadas, que a avózinha sabe?

— Vou, sim... mas olha que o reportório das histórias já está esgotado.

Momentos depois, ouvia-se a vózinha de Cacilda anunciando:

— Pronto, minha querida avózinha, já estou deitadinha.

E a boa senhora dirigiu-se para o quarto da neta, revestida daquela paciência de que as avós têm o segredo.

— Ora aqui me tens, minha querida; não para te contar histórias, porque já não sei nenhuma que tu não conheças mas para te fazer um bocadinho de companhia até que adormeças.

— Mas, então, faça a avózinha uma; invente...

— Inventar não, que já não tenho cabeça para isso...

Olha: — vou contar-te um episódio da minha vida de rapariga; tinha eu os meus deztoito anos. Escuta:

Ea tinha uns cabelos muito lindos, muito compridos e fartos. Todas as pessoas os gabavam...

— Eram bem lindos, isso é que eram! Naquele retrato seu, que está no escritório da Papá, vê-se bem que assim eram.

— Sim, meu amor, na verdade eram muito bonitos. De louros que eram, pareciam fios de ouro; hoje estão brancos...

Até aos dezaseis, anos usei sempre duas tranças que me

Nesse dia nem-quiz jantar... Como isto tudo já vai longe? Mas vamos ao resto da história.

Meu Pai ia com uns amigos para uma caçada, num dia lindo de Setembro.



Lembro-me como se fosse hoje... Eu estava contentíssima porque era louca por caçadas. Meu Pai era um ótimo caçador. Estávamos, portanto, todos muito satisfeitos, excepto minha Mãe que, a-pesar-de expansiva e alegre como era, estava, nessa manhã, muito apreensiva e triste.

Preguntando-lhe as causas do seu aborrecimento, disse-me:

— «E' que teu Pai vai meter à «charrette» o cavalo russo que está, de dia para dia, mais bravo, e receio que lhe suceda algum desastre. Até já me preveniu de que tu, queridinha, o não acompanharias hoje».

Dirigi-me a meu Pai a pedir-lhe que me deixasse acompanhá-lo, mas ele não transigiu, dizendo-me sorridente:

— «Hoje não podes ir porque tenho a confiar-te um *pesadíssimo* encargo; — a confecção dum *puding*, com que quero mimosear as nossas visitas».

Foi baldada toda a minha insistência.

Tive, então, uma idéa. Acompanhava sempre meu Pai nestas excursões um rapazito de doze anos, filho do caseiro. A ele me dirigi, pedindo-lhe um fato, ao mesmo tempo que o encarregava de ir fazer umas compras, evitando, assim, que estivesse à hora da saída do meu Pai.

Fui para o meu quarto e enverguei o fato do garoto que me sevara às mil maravilhas. Não contei, porém, com esta dificuldade: — as minhas tranças, as minhas queridas tranças, impediram que o *bon t me servisse*.

Não hesitei; agarrei numa tesoura e fiz o sacrifício das minhas tranças, cortando-as. Escondi-as muito bem escondidas, já pelo receio que minha Mãe, entrando no quarto, as visse, já porque as desejava conservar como recordação do maior sacrifício da minha vida de rapariga.

E, assim, fui para rua, dirigindo-me para a charrette, que

(Conclue na página 6)



caíam sobre o peito, uma para cada lado, prêsas com lindas fitinhas condizendo com a cor do vestido.

Lembro-me que, uma vez, por descuido, queimei a ponta duma das tranças. Que desgosto enorme eu tive!

O MENINO PORTE



Os novos-ricos Rozendo e D. Brites Sarmento, julgam-se felizes, tendo um filho que é um portento.

Por tanto ouvir, sem fastígio, que era muito inteligente, tinha o menino-prodígio um desdém por toda a gente.



Fôsse lá pelo que fôsse, um dia, ao ver um cavalo atirar um grande coice, tratou logo de imitá-lo.

E, desde então, se brigava, longe das vistas da mãe, a melhor ninguém levava; punha-se aos coices também.



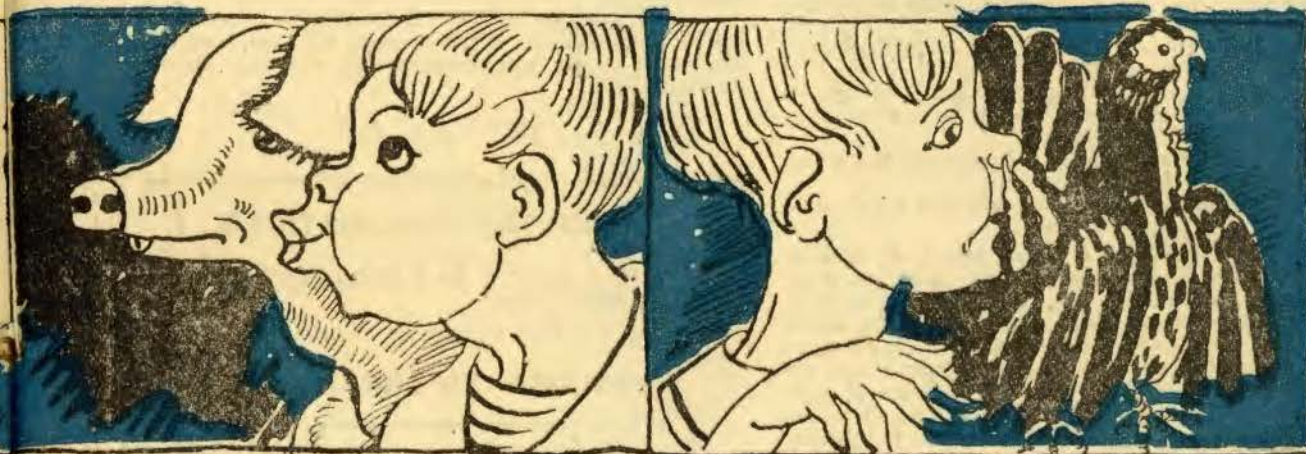
A fim de perpetuar tão grande engenho e valôr, o pai mandou retratar seu filho por um pintor.

Mas sem que êle suspeitasse, para fazer-lhe surpresa. Que, distraído, o apanhasse, quando êle estivesse à mesa...

Dito e feito o dia da exa o papá, te levou o filh

ENTO

por CASTAÑÉ e S R



Imitava os animais,
em pé, deitado ou de bôrco,
e, com orgulho dos pais,
grunhia tal qual um pôrco.

Quando se punha a imitar
fazendo: — glú-glú-glú...
era, sem pôr nem tirar,
exactamente um perú!



to Destinado
ex- posição,
abado,
p'la mão,

Nisto, o menino-portento,
ao ver o grande retrato,
diz, com seu ar de espanto
e sem o menor recato,

seus pais correndo a chamar:
— «Venham ver, mamã, papá,
o ar estúpido e alvar
com que êste menino está!»

SACRIFICIO — (Continuado da página 3)

já estava aparelhada, saltando ligeira para o lado do cocheiro. Momentos depois, estávamos a caminho, não me tendo meu Pai reconhecido.

Sempre que o cocheiro exigia mais rápido andamento ao cavalo, eu observava-lhe:

— «Tome cuidado, Ti Pedro, olhe que o cavalo é bravo, e pode fazer alguma partida.»

— «Não tenhas receio, rapazito; sou velho no officio». — Respondia-me elle. Mas tantas vezes lhe fiz a observação que elle, indignado, retorquiu-me:

— «Estás hoje muito medroso; até parece que tens a voz modificada; parece voz de menina.»

Não pude conter o riso e voltei a cara para o lado, disfarçando.

Vamos numa descida... O cavalo tomou, de repente, um andamento vertiginoso. Sem me conter, soltei um grito que foi ouvido por meu Pai, que, immediatamente, mandou parar o carro, averiguando o que se passava. Riu-se muito de mim, e, como era muito bondoso, convidou-me a occupar um lugar dentro do carro, querendo elle occupar o meu, ao lado do cocheiro. Recusei pelo receio de ser reconhecida, mas meu pai insistia: — «Vem cá para dentro; ao pé destes senhores não terás medo. Aposto que a minha Fernandita não tinha tanto medo!»

Num impulso, que não pude reprimir, gritei para meu Pai. «Mas a sua Fernandita sou eu. Ela não tem medo, mas quiz acompanhar o querido Paizinho, convencida de que a sua presença evitaria qualquer perigo.»

Meu Pai, surpreendido mas sem um momento de hesitação, desce do carro, e abraça-me e beija-me omovidamente. Como que para me ver melhor, tira-me o bonét e num grito exclama: «Que fizeste dos teus cabelos Fernandita?»

Que fizeste das tuas lindas tranças?

— Sacrifiquei-lhas, meu Pai!

— Pois, Deus, minha querida filha, há-de dar-te outro cabelo ainda mais bonito!

Foi o assunto de uns poucos de dias, a história das minhas tranças.

— Olhe, querida avózinha, Deus atendeu o pedido do seu Paizinho: Os seus cabelos quando era nova, eram fios de ouro; agora, são mais bonitos e mais valiosos, — são fios de platina.

F I M

PREGUNTAS ENIGMATICAS

Qual é a palavra de 7 letras que tirando-se-lhe duas ficam vinte

Qual é o centro exacto de Setubal?

INIGMA TIPOGRAFICO

NOTA

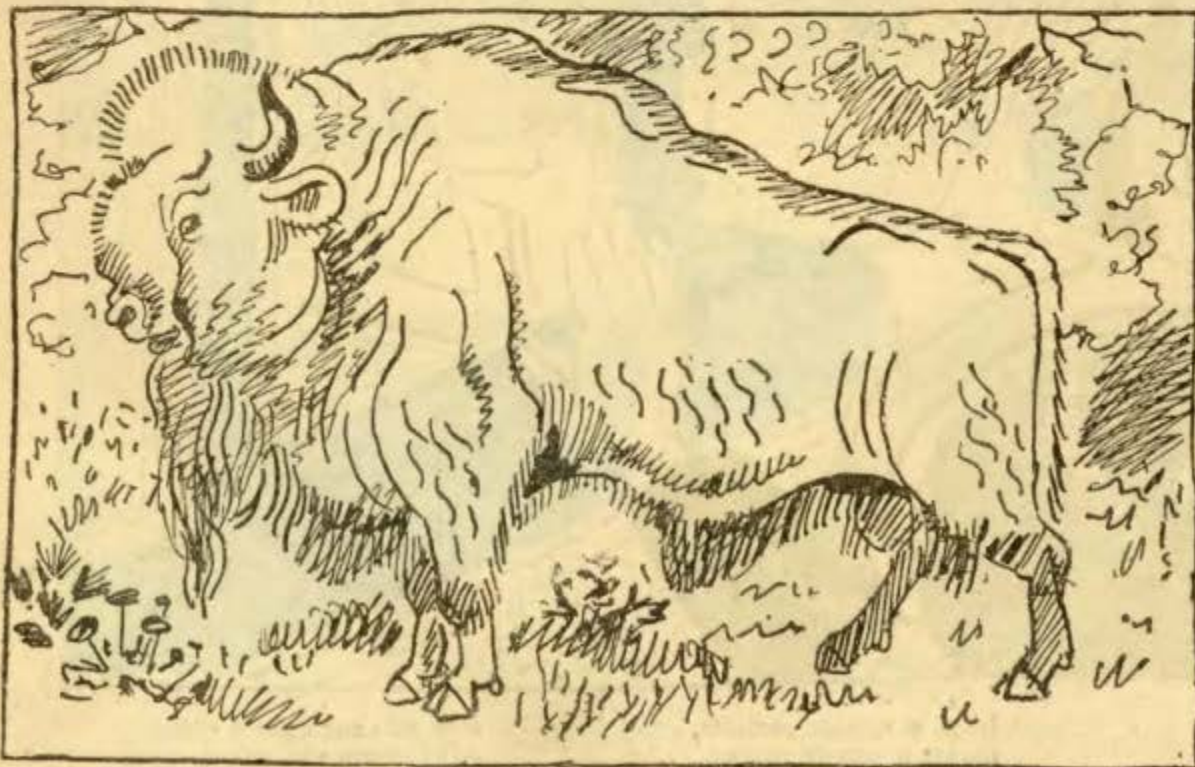
PEDRA

Colocar nos pontos respectivos, letras de maneira a formar nomes de mulher

M . T . . D .
A . . . E
L . O
M
A

I
A . . . L . .
E . i
. M . . i . .
. . . A . A

PARA OS MENINOS COLORIREM



O BISONTE — (BOS BISON)



(Continuado da pag. 2)

de branco, celestialmente bela, e com um riquíssimo manto de diamantes a rode-a. Aproximou-se do príncipe e, pousando-lhe a mão num ombro, disse-lhe em voz de oiro:

— Sou a Fada Maravilha!... Quero proteger-te, porque tu tens sido respeitador e bom para teu Pai, e isso é uma magáffica qualidade que eu admiro! Segue-me!

Florindo, hipnotizado, seguiu a fada, que o conduziu à cabana da Luizinha.

Que maravilha! Já não era o que os pequeninos leitores sabem acerca de Luizinha... A miséria estava transformada num luxo encantador! A mãe dela, sentada num trôno, dava ordens a outras fadas, e a pequena que o guiara, mandou-o sentar numa poltrona de oiro. O príncipe, abstracto, nem uma palavra podia articular... Então, a fada Maravilha, aproximando-se d'êlo, segredou-lhe:

— Estou encantada pelo meu padraсто, que vive na Montanha. Só quando êle dorme é que vivemos neste Paraíso; quando acorda, voltamos à miséria, à dor, ao sofrimento e à fome. Só tu poderás quebrar êste encanto e da seguinte forma: Vais ter com êle, e a poderas-te dum frasco que trás pedrada ao pesçoço. Bebido o seu conteúdo, ver-te-has curado e dar-se-há o nosso desencanto.

Florindo ouviu, e prometeu cumprir à risca o que a fada, ou antes Luizinha, lhe dissera.

Guiado por uma luz invisível encaminhou-se para a Montanha que se erguia ao fim do bosque, e onde se escondia o malvado. Era um antro terrível. O príncipe entrou, e, como o padraсто estivesse a dormir, vibrou-lhe uma machadada na cabeça, arrancando-lhe o desejado frasco. Bem depressa engoliu o líquido que êle continha, ao mesmo tempo que se ouvia mais um formidável trovão. Tudo se desfez em pó encontrando-se Florindo, repentinamente, num palácio encantador.

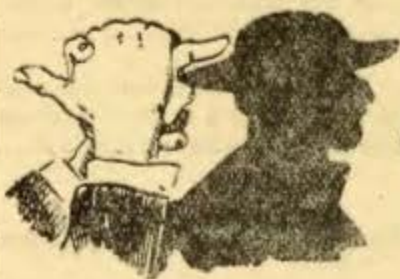
A seu lado, no maior auge de contentamento, estava a Fada Maravilha rodeada pelas irmãs e a velha mãe, pois quebrára-se o encanto. Vários guerreiros enviados pelo Rei procuravam o Príncipe Florindo, encontrando-o naquele magnífico palácio.

Então, conduzido à presença do Rei, contou a sua aventura, deixando o pai b'quiaberto pois o maravilhoso líquido curára-o completamente.

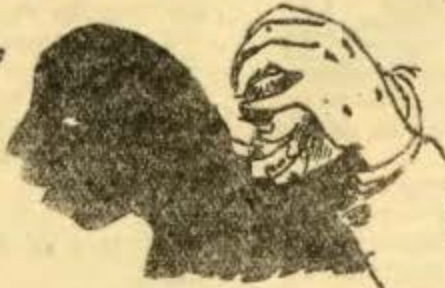
Falta agora que o príncipe Florindo e Luizinha cresçam mais um pouco, para casarem, viverem muito felizes e terem muitos príncipezinhos.

F I M

SOMBRAS NA PAREDE



Padre



Salolo



Jockey

Más Companhias...

POR JOSÉ AUGUSTO
DO VALE

ERA uma vez uma lebre, muito esperta, que conseguira escapar ao *terroel assopro da boca negra dum caçador*.

A nossa amiga, como sinal de rigosijo, resolveu convidar, primeiramente, os filhos da última ninhada, para lhes transmitir a sua satisfação e dizer-lhes que tinha resolvido dar um jantar, muito solene, por ter escapado á morte. Que indicassem, portanto, os nomes dos convidados que desejavam apresentar.

Um dos filhos, mais novos, disse:

— «Deve ser convidado o Corvo, porque é muito alegre e, assim, passaremos um dia bem dispostos».

O outro disse: — «Também deve ser convidado a Milhafre que é uma ave cheia de agilidade, coragem e valentia».

A mãe, para os não desgostar, disse-lhes que sim.

Mandou, depois, chamar os filhos da primeira ninhada, a quem lhes comunicou, também, o que tencionava fazer. Disse-lhes, em seguida, que, por indicação dos filhos mais novos, já estavam convidados o Corvo e o Milhafre. Que indicassem eles, também, as pessoas das suas relações.

Os filhos mais velhos, como mais experientes e conhecedores do mundo, disseram-lhe que os dois primeiros convidados pelos seus irmãos mais



novos, afastariam a maior parte das criaturas de bem, porque tais *personagens* eram de muito maus costumes e rodeadas, por consequência, de muito má fama!

— «Mas que fama era essa?» — perguntou a lebre.

— «Ora essa... a mamã bem o deve saber...»

Não gostam de sementes nem de lagartas, como a amiga Cotovia e outras aves. A ambição do corvo e do milhafre é só adquirir carne. E tão grande é o seu desejo, que eles até empregam meios de se ilu-



direm. E é vêr: — Logo que o milhafre vóa no espaço, em busca de algum animal descuidado, ou de qualquer outro em decomposição, pedindo sempre: — *carne... carne... carne...*, logo, ao longe, o corvo, temendo que ela lhe falte, responde desassombradamente: — *Não há... Não há...*

São, portanto, personagens que resumem toda a vida só em busca de carne».

— «Bem. Mas, então, como podemos nós sair disto, sem vergonha?» — disse a lebre.

— «Não se fazendo o jantar. Toda a vida se ouviu sempre dizer: — *que vale mais estar só, do que mal acompanhado*».

Resolveu-se, finalmente, despedir os convidados não se fazendo o jantar.

Mas o corvo e o milhafre encheram-se de cólera e juraram, logo, vingá-*se*.

E assim foi. Na primeira ocasião em que o milhafre apanhou os dois filhos mais novos, descuidados num relveiro, matou-os, levando um nas garras e deixando o outro para o seu amigo corvo.

O milhafre, depois de ter comido o filho da lebre, que lhe deixou um sabôr agradável, ergueu vôo e continuou, como até hoje, pedindo sempre: — *carne... carne... carne...*

E o corvo, também ainda satisfeito com o sabôr do seu quinhão, continuou a responder, desde esse tempo em diante: — *Não há... Não há... Não há...*

Basta a má companhia para haver desharmonia.

■ ■ ■ FIM ■ ■ ■